

MULTICULTURALIDADE EM QUESTÃO: O USO DOS EMOTICONS NA INTERAÇÃO DOS/AS DISCENTES SURDOS/AS E NÃO SURDOS/AS NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Jonas Martins Santos (1); Wermerson Meira Silva (2); Laíla Sampaio Lima (3); Antenor Rita Gomes (4)

(1)(2)(3)(4) Universidade do Estado da Bahia / MPED
jonasmartins.ads@gmail.com, wermerson@uesb.edu.br, laila.sampaio@hotmail.com,
antenorritagomes@gmail.com

Resumo: O objetivo desse estudo foi investigar como a educação insere os *emoticons* no ensino fundamental II para discentes surdos/as e ouvintes. Na nossa fundamentação teórica abordamos os *emoticons* como elementos visuais de comunicação, numa perspectiva da Língua de Sinais Brasileira (LSB) dentro de um contexto educacional inclusivo, bem como algumas considerações sobre o multiculturalismo aliado à educação. Considerando que a nossa proposta de investigação busca compreender como o público de discentes surdos utiliza-se dos *emoticons* para interação no cenário da educação inclusiva, fundamentamos nossa pesquisa como qualitativa, pois, utilizaremos das interpretações dos sujeitos envolvidos para responder ao problema central da proposta de investigação. Assim, escolhemos a técnica Entrevista Projetiva para subsidiar metodologicamente a construção dos dados que apresentaremos posteriormente. A pesquisa foi realizada através de uma rede social (*Whatsapp*) criando um grupo focal online e offline. Para trabalhar a temática, foram cinco participantes, três surdos e dois discentes utilizamos como elemento disparador da entrevista. O que compreendemos através dessa pesquisa foi que o diálogo mediado por imagens, apesar de polifônico e diverso, pode ser possível quando há o interesse entre os sujeitos e nesse sentido, as tecnologias ganham valor pedagógico sendo fundamental nesse processo. Portanto, a ideia de que a imagem quando contextualizada potencializa processos de comunicação inclusivos se afirmar nesta investigação e, abre caminhos para novas perspectivas no uso desses recursos tecnológicos em pautas de fundamental importância: a garantia do acesso à Educação de qualidade para todos, aquilo que chamamos de Educação Inclusiva.

Palavras-chave: multiculturalidade; *emoticons*; educação inclusiva; libras.

Introdução

A imagem sempre foi uma linguagem muito utilizada para comunicação humana. Se fizermos uma retomada histórica, desde os primórdios das mais antigas civilizações, encontraremos estas representações como forma de diálogo com o outro e demais grupos. Essa forma de comunicação milenar pôde proporcionar registros importantíssimos que puderam na atualidade compreender, por exemplo, a evolução da raça humana.

As expressões faciais são uma característica importante nas línguas de sinais, pois através dela é possível se expressar de forma afetiva e gramaticalidade. Podendo ser classificadas em dois grupos: expressões de sentimentos (alegria, tristeza, raiva, angústia, entre outros) ou através de componentes lexicais.

Expressões gramaticais, estão relacionadas a certas estruturas específicas, tanto no nível da morfologia quando no nível da sintaxe e são obrigatórias nas línguas de sinais em contextos determinados. Em virtude de serem específicas das línguas de sinais, as expressões faciais gramaticais são analisados por diversos autores pesquisadores da área de linguística e educação, citamos abaixo alguns autores:

Capovilla e Raphael (2001), autores do Dicionário Enciclopédico Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS apresentam uma possibilidade de identificação da expressão facial: alegre, alegria, boca aberta, boca semiaberta, bochechas infladas, bochechas sugadas, brava, contraída, dentes cerrados, lábios cerrados, lábios profusos, lábios protuberantes, língua para fora, mostrando a ponta da língua, mostrando os dentes, olhos arregalados, olhos fechados, olhos semiabertos, sobrancelhas arqueadas, sorriso, sorrindo, testa franzida, triste ou tristeza, etc.

Para a língua de sinais as expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco), possui duas importâncias: marcação de construções sintáticas, sendo elas interrogativas, exclamativas, afirmativas, concordância e foco e diferenciação lexical sendo fonológico, morfológico, função locativa no olhar dentre outras (BRITO, 1995, p. 48).

Com base nos parâmetros utilizados na descrição de ASL (*American Sign Language*), inclui na descrição da LSB (Língua de Sinais Brasileira) os componentes não-manuais como parâmetros, dizendo que eles são capazes de diferenciar significados. Existe mesmo a possibilidade de que a expressão facial ou o movimento do corpo sejam outros parâmetros, dada a sua importância para diferenciar significados (BRITO, 1995, p. 41).

Permeando ainda sobre a fala de Quadros *et al* (2008), é necessário buscarmos alguma forma para se comunicar quando duas pessoas não falam a mesma língua. Enxergamos a possibilidade de uso dos *emoticons* como essa “forma” de comunicação.

Nas palavras de MORO(2016) é possível “pensar na comunicação por meio dos *emoticons*, pois, este está inserido dentro da cultura e dos processos tecnológicos como forma de linguagem e comunicação”, confirmando a percepção de que os *emoticons* podem ser utilizados como linguagem intermediária por duas pessoas que não falam a mesma língua, mas que entendem os seus significados. E foi imaginando essa possibilidade que surgiu essa proposta de pensarmos na multiculturalidade no uso dos emoticons na interação dos/as discentes surdos/as e ouvintes no cenário da educação inclusiva.

A proposta deste artigo partiu das discussões do componente curricular Multiculturalismo, Linguagens e Políticas Identitárias do Programa de Mestrado de Pós Graduação em Educação e Diversidade - Campus IV Jacobina-BA. Foi solicitado a elaboração de uma pesquisa que

estivesse ancorada nos pressupostos do multiculturalismo e das linguagens dialogada com a perspectiva intercultural inclusivo. Diante disso, essa atividade se revela nesses dois segmentos quando trabalha a linguagem das imagens em contexto digital dos *emoticons* inseridas em espaços de educação inclusiva participativa. Além disso, essa ideia permite ampliar os horizontes da Língua de Sinais Brasileira - LSB, no sentido de dar visibilidade aos surdos/as no contexto da diversidade.

Dessa forma o objetivo geral é investigar como a educação insere os *emoticons* no ensino fundamental II para discentes surdos/as e ouvintes, tendo como os objetivos específicos favorecer a compreensão o uso dos *emoticons* como uma linguagem de comunicação, contribuir na interação dos espaços inclusivos entre discentes surdos/as e ouvintes e por último despertar as habilidade discentes na interatividade midiática aplicada ao multiculturalismo.

***Emoticons*: elementos visuais de comunicação**

Emoticon (junção das palavras em inglês *emotion* e *icon*) é uma linguagem muito utilizada para a comunicação de textos em meio eletrônico para expressar a intenção em um formato gráfico inserido muitas vezes dentro do contexto de um texto escrito.

Na definição de Moro (2016), *emoticons* são elementos visuais que, na contemporaneidade, compõem um sistema de sinalização e comunicação, expressos por imagens figurativas e muitas vezes lúdicas, em muitos casos, podem quebrar obstáculos linguísticos entre diferentes culturas e níveis de conhecimento.

Moro (2016) ainda diz que é possível “pensar na comunicação por meio dos *emoticons*, pois, este está inserido dentro da cultura e dos processos tecnológicos como forma de linguagem e comunicação”, confirmando a percepção de que os *emoticons* podem ser utilizados como linguagem intermediária por duas pessoas que não falam a mesma língua, mas que entendem os seus significado.

Fonseca (2016, p.1) apresenta o uso de *emoticons* na perspectiva dos multiletramentos, a autora diz que é “razoável pensar em propiciar aos alunos o acesso às novas ferramentas, recursos tecnológicos e digitais, a fim de conduzi-los a exercitar uma comunicação eficaz que não se limite apenas a textos escritos”.

Tal perspectiva, dos multiletramentos, é ponto importante nas discussões atuais sobre uso de tecnologias digitais na educação, pois essa visão, de novas formas multiletramentos multiculturais proporciona a possibilidade de uso dos *emoticons* inseridos no contexto da inclusão.

A Língua de Sinais Brasileira (LSB) no contexto educacional inclusivo.

Desde sempre a vida humana esteve intimamente ligada à comunicação. E independente do meio e da maneira que ocorre, ela está carregada de linguagens e semioticidade, pois é a língua que permite ao homem relacionar-se com grande parte do mundo, transformando-se em um instrumento essencial na vida social e psicológica contemporânea.

A comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem naturalmente, independentemente de qualquer fator racial, social ou cultural. (SÁNCHEZ, 2011).

Porém, é necessário afirmar que cada sociedade ou grupo desenvolve uma ou mais línguas, conforme sua necessidade, não havendo sob este ponto de vista uma língua superior à outra, mas adequada ao meio a que seus usuários/as, sejam ouvintes ou surdos/as, estão inseridos.

Dentre estas várias línguas, estão as Línguas de Sinais, uma língua visual-espacial utilizada pelas comunidades surdas dentro do território brasileiro. Quadros (2004, p. 8) enfatiza que: “[...] as línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela linguística. As línguas de sinais são visuais-espaciais, captando as experiências visuais das pessoas surdas. Portanto, pode-se afirmar que a Língua de Sinais Brasileira (LSB) é a língua natural dos indivíduos surdos, mas que boa parte dos ouvintes ainda desconhece.

Diante do exposto, torna-se necessário afirmar que a LSB é uma língua de suma importância para a inclusão educacional das comunidades surdas, já que possibilita além da comunicação entres os surdos/as uma interação desses indivíduos com a comunidade ouvinte em que também está inserido automaticamente.

Mais do que uma língua, as pessoas com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento e exercitem a capacidade cognitiva desses alunos. Obviamente, são pessoas que pensam, raciocinam e que precisam como os demais de uma escola que explore suas capacidades, em todos os sentidos (DAMÁZIO, 2005).

Os espaços escolares inclusivos, onde as comunidades surdas estão inseridas, o ensino-aprendizagem é construído através da língua natural a LSB, com isso a técnicas utilizadas como paradigma da oralidade, que antes dominava as escolas da educação básica deixaram de existir, sendo substituídas por sequencias didáticas que promovam o acesso e o crescimento dos discentes surdos/as.

De acordo como Pedrinelli e Verenguer, (2008, p. 18): “participar de um processo inclusivo é estar predisposto a considerar e a respeitar as diferenças individuais, criando a possibilidade de aprender sobre si mesmo e sobre cada um dos outros em uma situação de diversidade de ideias, sentimentos e ações”.

Assim, é possível compreender que o objetivo da educação inclusiva é a promoção de uma educação acessível a todos os indivíduos – independente de necessidades especiais que possuam. Porém, é preciso reavaliar desde as políticas educacionais nas esferas federal, estadual, municipal, bem como o Projeto Político-Pedagógico (PPP), as práticas pedagógicas e multiculturalistas que abordam a formação em exercício dos/as docentes e discentes no espaço escolar quer sejam ouvintes ou surdos/sas, por meio das redes de discussão no âmbito da educação para as diferenças. É nesse sentido que não podemos distanciar a prática pedagógica das discussões contemporâneas sobre Multiculturalismo, seus significados e implicações em contextos de Educação.

Multiculturalismo e Educação: algumas considerações

O Multiculturalismo é um termo discutido e empregado em contextos educacionais. A grosso modo, esse campo de estudos se propõe a problematizar e tencionar discussões, reflexões, ações e mudanças de pensamento no que diz respeito às práticas excludentes e marginalizantes promovidas pela escola no decorrer dos tempos.

Historicamente, a Educação brasileira sempre foi pensada e construída nos moldes coloniais e eurocêntricos. Currículos, propostas pedagógicas e projetos políticos se desdobram em práticas muito aquém dos contextos de diversidade, tão significativos e latentes dentro e fora das salas de aula.

Para Hall (2003) – considerado o pai do multiculturalismo, este é um termo plural; coloca em discussão estes dois termos supracitados como sendo o multicultural um significante oscilante do multiculturalismo (termo singular) (HALL, 2003). De acordo ao autor este termo, apesar de ser utilizado ostensivamente, ainda não tem seu significado compreendido. Refere-se a existência de múltiplas culturas; a co-existência de culturas na mesma sociedade compreendendo o Estado-nação.

A partir do conceito de Hall (2003) compreende-se que o multicultural está relacionado ao fato da sociedade ser culturalmente heterogênea. Podemos citar como exemplo o Brasil, um país de sociedade multicultural, heterogênea que contou e conta com a participação de diversas culturas, de diversas etnias, porém passa pelas mesmas contradições que outros países quando se trata da igualdade e reconhecimento das diversas culturas e povos.

Logo, podemos inferir que a pauta da Educação Inclusiva emerge dos contextos Multiculturais, onde problematiza-se a inclusão não apenas de um grupo com surdez, mas uma educação voltada para inclusão em todos sentidos, onde sejam postos a vista as diferenças dentro das diferenças e para além disso, desmistificar universalismos e particularismos que congelam ideias progressistas na Educação. Observa-se então que uma sociedade multicultural apresenta diversos problemas e para tanto, exige diversas ações multiculturalistas para a solução desses mesmos problemas. Neste caso, ações como estratégias criadas para possíveis resoluções de problemas gerados a partir do multicultural.

Metodologia

Pesquisas na área da Educação, suas demandas e objetos abrem questões que suscitam problemas para além da visão Positivista de investigação, tão valorizada e legitimada pela academia anteriormente. Essa perspectiva nos faz compreender que no campo Educacional, a chamada “ciência dura” já não atende a realidade dos fenômenos da área.

A compreensão destas questões que envolvem comportamentos, subjetividades, modos de vida, histórias e culturas são fundamentais nas pesquisas em Educação e nas Ciências Humanas que, buscam na interpretação as respostas para os problemas.

Nesse sentido é que a perspectiva qualitativa configura uma nova abordagem de pesquisa em Educação, contrapondo com os ideais cientificistas do Positivismo. Em linhas gerais, a abordagem Qualitativa pressupõe um olhar holístico dos fenômenos, considerando as interações entre os sujeitos e suas relações com o tempo e espaço, a partir de descrições e interpretações. Fundamenta-se principalmente na Fenomenologia que ramifica outras correntes de pensamento investigativo como os Estudos Culturais, a Etnografia, o Interacionismo Simbólico, a Etnometodologia, a Hermenêutica, etc.

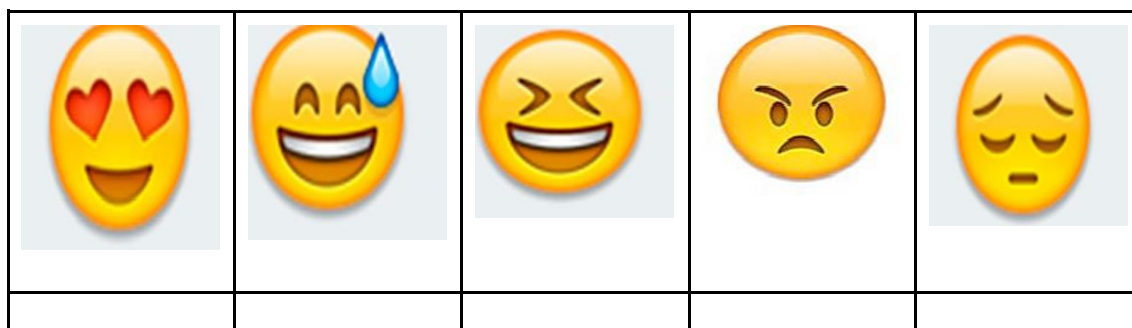
Assim, a abordagem investigativa qualitativa considera o sujeito em relação com o seu mundo, suas representações, experiências, práticas e interações como objetos de compreensão de distintas realidades. Considerando que a nossa proposta de investigação busca compreender como o público de discentes surdos utiliza-se dos emoticons para interação no cenário da educação inclusiva, fundamentamos nossa pesquisa como qualitativa, pois, utilizaremos das interpretações dos sujeitos envolvidos para responder ao problema central da proposta de investigação. Assim, escolhemos a técnica Entrevista Projetiva para subsidiar metodologicamente a construção dos dados que apresentaremos posteriormente.

A entrevista projetiva tem como principal técnica a utilização de recursos como fotos, vídeos, filmes, cartões, desenhos, figuras, imagens visuais dentre outras. No qual o entrevistado possa discorrer através dos recursos utilizados no qual o entrevistador investigue sobre

determinados locais, pessoas, de uma forma indireta. Esse instrumento de pesquisa possibilita evitar respostas diretas e é utilizada para aprofundar informações sobre determinado grupo ou local (HONNIGMANN, 1954 apud MINAYO, 1993).

A pesquisa foi realizada através de uma rede social (*Whatsapp*) criando um grupo focal online e offline, respeitando o tempo e a disponibilidade de cada participante. Para trabalhar a temática, foram cinco participantes, três surdos e dois discentes utilizamos como elemento disparador da entrevista, um vídeo de abertura em Língua de Sinais Brasileira - LSB com interpretação da LSB para Língua Portuguesa - LP abordando o uso dos *emoticons* (sem legenda), para que não houvesse interferências na construção dos dados por parte dos/as participantes, como interação dos surdos/as e ouvintes, posteriormente apresentando as figuras dos *emoticons* a serem analisados e conceituados.

Figura 1: Emoticons em Análise



Fonte: Wermerson M. Silva, 2018

Essas figuras foram apresentadas as/os discentes surdos e ouvintes de diferentes faixas etárias e grau de escolaridade, na busca de processo de construção do conhecimento individual. Então eles/elas apresentaram na língua de sinais brasileira e/ou língua portuguesa o que entendem por cada uma delas.

Resultados e Discussão

Como dispositivo da pesquisa em educação, utilizaremos a Análise de Conteúdo, pois, segundo Bardin (1977, p. 31) esse dispositivo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, tendo por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Ou seja, a Análise de Conteúdo é o conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter procedimentos sistemáticos os quais objetivam a descrição do conteúdo através das mensagens e indicadores que permitem a inferência de conhecimentos e as condições de produção destas mensagens.

O grupo focal online via rede social *Whatsapp* foi criado no dia 30/05/2018. Após apresentar aos participantes a proposta da pesquisa, os diálogos foram estabelecidos de forma a perceber os objetivos desta investigação. Inicialmente, houve concordância dos membros em colaborar com a proposta, o que facilitou a Análise dos Conteúdos (AC) e das categorias que emergiram dos diálogos. Nesse sentido, elencamos três categorias de análise para compreensão dos resultados: Imagens e Comunicação; Comunicação e *Emoticons* e Comunicação através da Língua Portuguesa (LP).

Como já dito anteriormente, o homem sempre utilizou das visualidades como forma de comunicação. O texto imagético permeia as construções sociais desde a antiguidade e não seria diferente na contemporaneidade. Assim, houve a utilização de imagens para comunicação entre os participantes. Inicialmente, os membros se apresentavam com as fotografias dos seus perfis e vídeos gravados em seus celulares utilizando-se de uma “legenda” escrita logo abaixo, contendo seus nomes, idade, interesses, etc. Houve também uma tradução de vídeo de um participante não surdo através de áudio, que conhecia a LSB, para que os demais não surdos compreendessem o que estava sendo informado no vídeo. Quando apresentados sobre o que entendiam, interpretavam ou percebiam na utilização dos *emoticons* (Figura 1) nas redes sociais, um dos participantes surdos respondeu com outra imagem aquilo que considerava ser os *emoticons*. Imagem por outra imagem, um sentido através de outros sentidos. É nesse sentido que o recurso da imagem através da fotografia e do vídeo apareceu como propostas iniciais de diálogo, para, em sequência, uso da escrita gráfica. Esse pressuposto corrobora com a ideia de Wolton (2002), quando nos diz que:

Estamos numa sociedade na qual a imagem desempenha um papel muito mais importante do que há 50 anos. Mas o espetáculo não transforma tudo, não dirige a sociedade. [...] Haverá um retorno a outros valores, pois o indivíduo não pode viver somente na imagem. Dominique Wolton (2002a, p. 60)

A ideia de Wolton (2002a) referenda o comportamento dos membros do grupo focal. Importante frisar que essa estratégia partiu tanto dos sujeitos surdos como também dos não surdos. Houve uma tentativa de comunicação plena entre os participantes. Textos imagéticos (fotografias, vídeos e *emoticons*) e textos escritos foram utilizados pelos participantes como forma objetiva e clara de comunicação em que todos pudessem coletivamente interagir. Assim, temos uma ideia inicial de que a proposta possui aderência às ideias de inclusão e, de fato, às propostas Multiculturalistas já mencionadas anteriormente neste artigo.

Os *emoticons* inserem na comunicação as pequenas variações de significado que a voz, o gesto e as expressões faciais produzem quando se está presente.

Quando utilizamos os *emoticons* na comunicação percebemos que existem ali uma tentativa de simplificar a forma de como se expressa uma ideia ou mesmo um sentimento. Quando foi experimentado colocá-la como linguagem intermediária entre os surdos e os não surdos, percebemos que os *emoticons* conseguiu conectar as pessoas envolvidas no diálogo.

Como os *emoticons* são bastante utilizados como artefato visual de comunicação, muitos dos envolvidos na comunicação feita através do grupo focal mediado pelo *Whatsapp*, quase não se percebeu que ali tinham pessoas ouvintes e pessoas surdas. usando a tríade da comunicação: emissor, mensagem e receptor, percebe-se que as ações que ligam emissor e receptor podem ser mediadas pelo uso dos *emoticons* pois a essência desses ícones visuais é realmente se fazer entender e ser entendido no processo de comunicação.

Se a intenção do emissor de uma mensagem é que o receptor compreenda aquilo que foi transmitido, o papel exercido pelos *emoticons* é confirmado pela ação de criar “laços comunicativos”, dos surdos e não surdos.

Na contemporaneidade a leitura precisa ser inserida na utilização da LP como segunda língua para os surdos, sendo necessário à aprendizagem da escrita para exercer a comunicação. No âmbito pedagógico, a leitura para Garcez (2001, p. 21) é:

É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos.

No caso do grupo focal através do *Whatsapp* tivemos a preocupação de contextualizar o grupo de surdos, através da LSB, considerando a importância da língua sinais como primeira língua das comunidades surdas. Dessa forma através das figuras, desenhos e *emoticons* os surdos e não surdos, sentiram a vontade de utilizar a LP sem interferência da comunicação e falta de entendimento, percebemos que mesmo com desconhecimento dos não surdos na LSB, não impossibilitou de comunicar, os surdos por conhecer a LP conseguiu ter diálogos fluídos.

Conclusões

Diante do objetivo de investigar como a educação insere os *emoticons* no ensino fundamental II para discentes surdos/as e ouvintes, após a análise de dados, o que podemos compreender é que o diálogo mediado por imagens, apesar de polifônico e diverso, pode ser possível quando há o interesse entre os sujeitos e nesse sentido, as tecnologias ganham valor pedagógico sendo fundamental nesse processo.

Portanto, a ideia de que a imagem quando contextualizada potencializa processos de comunicação inclusivos se afirma nesta investigação e, abre caminhos para novas perspectivas no uso desses recursos tecnológicos em pautas de fundamental importância: a garantia do acesso à Educação de qualidade para todos, aquilo que chamamos de Educação Inclusiva.

Outro fator importante nos diálogos entre os surdos e não surdos, foi a interação com outras temáticas referente ao uso do *emoticons* através da utilização de textos em LP no grupo, e o incentivo dos surdos aos não surdos em aprender a LSB, destacando a importância de fazer parte do mundo visual, utilizando as mãos como comunicação e o empenho dos surdos e não surdos em participar do grupo focal, com o intuito de construir novos saberes com outras comunidades.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, 1977.

BRITO, L. F. **Por Uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, C. C., RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001.

MORO, Gláucio Henrique Matsushita. **Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas**. Revista de Estudos da Comunicação, v. 17, n. 43, 2016.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. Educação escolar inclusiva para pessoas com surdez na escola comum – questões polêmicas e avanços contemporâneos. In: **BRASIL. Ensaios Pedagógicos – construindo escolas inclusivas**. Brasília: MEC/SEESP, 2005, p. 108-121.

GARCEZ, L. H. do C. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org) Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

PEDRINELLI, V. J.; VERENGUER, R. C. G. Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. In: GORGATTI, M.G; COSTA, R. F. (Org.) **Atividade Física Adaptada 2**. Ed. Barueri, SP: Ed. Manole, 2008, p.1-27.

QUADROS, R. M. *et. al.* **Língua Brasileira de Sinais II**. 2008. Disponível em:
<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf>. Acesso em: 20 de maio 2018.

_____, DE QUADROS, Ronice Müller; SCHMIEDT, Magali LP. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. 2006.

SANCHÉZ, 1990. In: ALVES, Marlene Rodrigues. **Inclusão do Aluno Surdo Num Mesmo Espaço Escolar, Com Alunos Ouvintes do Ensino Regular da Rede Particular**. Maringá/PR: Revista Eficaz, 2011.

WOLTON, Dominique. **Comunicação**: um grande desafio científico e político do século XXI. Revista Famecos, v. 9, n. 19, p. 07-16, 2002.